

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS AO USO DE MEDICAMENTOS SEM PRESCRIÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE UMA IES DO SUL DO BRASIL

NATÁLIA STORCH CAMARGO¹; ADRIANE CAROLINE PIMENTEL CARDOSO²;
LARISSA VILELA DA COSTA³; JÚLIA NASCIMENTO OLIVEIRA⁴; MARIANA
LIMA CORRÊA⁵; LAURO MIRANDA DEMENECH⁶

¹Universidade Federal do Rio Grande – nstorchcamargo@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – psiadrianefurg@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – psilarissavileladacosta@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – oliveira_julia12@outlook.com.br

⁵Universidade Federal do Rio Grande – mari_lima_correa@hotmail.com

⁶Universidade Federal do Rio Grande – lauro_demenech@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O uso de medicamentos sem prescrição médica, popularmente difundido como automedicação, caracteriza-se pela utilização independente e baseada no próprio julgamento do indivíduo para tratar doenças ou aliviar sintomas (JUNIOR; ROCHA, 2021). Dados do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ, 2016) indicam que o Brasil é recordista mundial em automedicação, com mais de 70% da população tendo essa prática. Além disso, estudos apontam que quanto maior o grau de escolaridade, maior a tendência à automedicação (ICTQ, 2014), o que torna imprescindível e alarmante compreender como esse fenômeno acontece em ambientes acadêmicos. Essa prática tem se mostrado frequente no contexto universitário, muitas vezes motivada pelo desejo de melhorar a performance acadêmica, através de medicamentos específicos para esse fim (RODRIGUES et al., 2021).

A partir dessa perspectiva, o uso de medicamentos sem prescrição é amplamente reconhecido como um problema de saúde pública, uma vez que pode agravar doenças e dificultar o diagnóstico precoce. (FERREIRA; OLIVEIRA, 2021). Apesar desses riscos, o Brasil ocupa a quinta posição mundial no consumo de medicamentos controlados sem a devida prescrição, superando o uso de substâncias como heroína, ecstasy e cocaína (NASARIO; MERY, 2016).

Observa-se o uso frequente de diferentes classes de psicofármacos entre estudantes universitários, como calmantes (benzodiazepínicos), tranquilizantes e estimulantes. Os benzodiazepínicos aumentam a atividade do neurotransmissor GABA, principal neurotransmissor inibitório do sistema nervoso central, reduzindo a ansiedade e a tensão emocional (STAHL, 2013). Os tranquilizantes atuam sobre o sistema nervoso central, especialmente no sistema límbico e no hipotálamo, promovendo diminuição da ansiedade, tensão psicomotora e induzindo estados de calma, relaxamento e, em alguns casos, sono (MENDIGUTIA, 1962). Os estimulantes do sistema nervoso central promovem aumento da atividade cerebral, favorecendo a atenção, o estado de alerta e a capacidade de concentração. Substâncias como o metilfenidato se enquadram nessa categoria, sendo utilizadas tanto em tratamentos clínicos para transtornos como o TDAH quanto, de forma inadequada, para potencializar o desempenho acadêmico (PASTURA; MATTOS, 2004).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo verificar a prevalência do uso dessas classes de medicamentos, bem como avaliar os principais fatores de risco associados ao seu uso em uma Instituição de Ensino Superior (IES).

2. METODOLOGIA

O presente estudo utilizou dados coletados da 4ª edição da pesquisa Saúde e Bem-Estar na Graduação (SABES-Grad). Trata-se de estudo observacional transversal, realizado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sob aprovação do Comitê de Ética da FURG, parecer nº 78426924.6.0000.5324. O objetivo consistia em verificar desfechos que estão relacionados com o contexto acadêmico. A coleta de dados foi realizada entre Novembro de 2024 a Janeiro de 2025, por meio de questionário autoaplicável respondido por universitários, regularmente matriculados e acima de 18 anos, de disciplinas aleatoriamente sorteadas. O sorteio contemplou todas as disciplinas ofertadas no Campus, dentre as quais foram selecionadas 132 turmas para compor a amostra.

Os principais desfechos abordados no presente estudo foi o uso sem prescrição de estimulantes, calmantes e tranquilizantes. Para isso, as variáveis foram coletadas a partir do uso na vida, no ano e no mês, conforme orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018). Para avaliar os principais fatores de risco associados ao uso desses medicamentos, foram utilizadas variáveis sociodemográficas, acadêmicas e de saúde mental. Todas as análises foram conduzidas no software Stata 15. Primeiramente, foi realizada análise univariada para descrever as prevalências de uso de cada uma das substâncias. Após, foi realizada análise bivariada, utilizando Teste Qui Quadrado. O nível de significância adotado para todas as análises foi de 5%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 972 estudantes. Em relação à prevalência do uso de estimulantes, encontrou-se que 12,9% dos participantes fizeram uso uma vez na vida, 8,5% no ano e 4,3% no mês, sendo essas as menores prevalências. Sobre os medicamentos calmantes, a prevalência de uso foi de 19% na vida, 12,7% no ano e 7,6% no mês. A prevalência de uso de tranquilizantes sem prescrição foi maior que as duas classes anteriores nos três usos, sendo 23,9% na vida, 15,1% no ano e 9,4% no mês.

Verificaram-se maiores prevalências de uso de estimulantes entre os participantes com idade entre 25 e 31 anos (9,4%), de orientação homo, bi ou pansexual (7,1%) e em estudantes da área da saúde (15,4%). Os participantes que apresentaram sintomatologia ansiosa (6,7%), depressiva (6,5%) e risco de suicídio (7,9%) também possuíram maiores prevalências de uso. O uso de calmantes foi maior em participantes do sexo feminino (9,2%), com idade entre 25 e 31 anos (12,1%), de orientação homo, bi ou pansexual (12,4%), com ansiedade severa (12,4%), depressão (13,2%) e risco de suicídio (16,9%). Por fim, o uso de tranquilizantes foi maior em mulheres (13,3%), participantes de orientação homo, bi ou pansexual (13,8%), que trabalham (11,8%) e da área de Biológicas. A prevalência de uso também esteve associada à ansiedade severa (16,2%), depressão (16,9%) e risco de suicídio (19,6%).

O uso de estimulantes pode ser um caminho para potencializar o desempenho acadêmico e a concentração (RODRIGUES et al, 2021). ARAUJO, RIBEIRO e VANDERLEI (2021) afirmam que a automedicação, embora reconhecida como arriscada pelos próprios estudantes, é impulsionada pela pressão por desempenho, pela carga horária extensa e pela dificuldade de conciliar estudos com lazer e autocuidado, associando-se com questões da saúde mental. SOUZA e LIMA (2019) e SILVA et al. (2021) trazem a sobrecarga, geradora de sintomatologias ansiosas e depressivas, dos cursos de saúde com a facilidade do contato com os medicamentos. O segundo estudo também associa a

automedicação com idades entre 20 e 29 anos como usuários com maior prevalência (SILVA et al., 2021), podendo ser observada uma maior exposição desses grupos ao ambiente universitário.

Um estudo realizado com 8.650 estudantes de graduação de 8 universidades públicas do Brasil mostra que tranquilizantes e calmantes estão entre a classe de medicamentos mais utilizados, associando-se com o sofrimento de minorias (PAULA et al., 2025). Esta discussão associa-se com os dados do presente trabalho na medida em que abrange a população de mulheres e pessoas homo, bi ou panssexuais, o que é explicado por ZOLLWEG et al. (2023) como a busca pelo alívio dos sofrimentos enfrentados.

A associação da idade e do uso de calmantes também sugere um maior sofrimento mental entre adultos jovens. Esse uso pode ser explicado pelo grande enfrentamento de mais responsabilidades acadêmicas e profissionais marcadas por essa idade, como SILVA et al. (2021) propôs.

O uso de tranquilizantes foi maior entre os estudantes de Biológicas e, da mesma forma que os estudantes da saúde, sugere-se que estudantes dessa área também tenham prejuízos com relação à saúde mental. Além disso, a associação com a carga de trabalho individual pode gerar mais estresse, de forma que os estudantes também recorrem a medicação sem prescrição para aliviarem sintomas de depressivos, ansiosos e sentimentos relacionados ao suicídio.

As três classes de medicamentos apresentaram elevada prevalência com aspectos da saúde mental - depressão, ansiedade e suicídio. Esses dados sugerem que o uso dessas substâncias pode ser uma forma de enfrentamento de sofrimento psíquico, o que levanta questões sobre acesso a cuidados adequados em saúde mental. Um estudo com 292 estudantes de cursos da área da saúde revelou que 52,3% dos participantes apresentaram sintomas de depressão e 41,1% sintomas de ansiedade, indicando uma prevalência significativa desses transtornos entre os universitários (LELIS et al., 2020). Os autores sugerem que o ambiente universitário impõe diversas exigências emocionais e sociais aos estudantes, como carga horária intensa, pressão por desempenho, insegurança profissional e distanciamento familiar.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo buscou compreender e analisar os fatores de risco associados ao uso de medicamentos sem prescrição no contexto universitário. A inovação do trabalho reside em oferecer uma perspectiva que integra aspectos sociais, emocionais e acadêmicos nas motivações para essa prática, evidenciando a necessidade de estratégias de prevenção articuladas à promoção da saúde mental e de orientação nos ambientes de ensino superior.

Por ser uma pesquisa de delineamento transversal, pode haver o impedimento de afirmar causalidade entre os dados, uma vez que os dados não são longitudinais. Apesar disso, é importante ter em mente os resultados deste período em específico, trazendo à tona o contexto preocupante dessa IES. Sugere-se que ações de acolhimento, escuta e intervenção sejam feitas, a fim de reduzir o estresse resultante destes cenários específicos que atravessam os estudantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA BLS, OLIVEIRA TC. Resistência bacteriana e sua relação com o consumo incorreto de antibióticos. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 2, p. 48-48, 2021.

ICTQ. **Automedicação no Brasil**. Departamento de Pesquisas ICTQ, Goiás, 2014. Acessado em 11 ago. 2025. Online. Disponível em: <http://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/353-indicacao-de-amigo-reforca-a-pratica-da-automedicacao>

JUNIOR, L.A.R.C.; ROCHA, S.N. **O consumo excessivo dos medicamentos psicotrópicos pelos usuários da unidade básica de saúde Formosa no Município de Baixa Grande do Ribeiro-PI**. Universidade Federal do Piauí, UNA SUS. 2021.

LELIS, K. DE C. G. et al. Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 23, p. 9–14, 2020.

MENDIGUTIA, Rafael Coullaut. Tranquilizantes en medicina. Real Academia Nac. Medicina, 1962.

NASARIO, M.; MERY, M. **O consumo excessivo de medicamentos psicotrópicos na atualidade**. (Pós-Graduação de Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Alto Vale do Itajaí, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Uma metodologia para pesquisas sobre uso de drogas em estudantes. Genebra: OMS, 1980.

PAULA, W. DE et al. Did the COVID-19 pandemic influence the use of psychotropic medications by university students and LGBTQIAPN+: A Brazilian multicenter study. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 41, n. 3, 1 jan. 2025.

PASTURA, Giuseppe; MATTOS, Paulo. Efeitos colaterais do metilfenidato. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 31, p. 100-104, 2004.

RODRIGUES, LDA et al. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4, p. 463-473, 2021.

STAHL, Stephen M.; STAHL, Stephen M. Essential psychopharmacology: Neuroscientific basis and practical applications. Cambridge university press, 2000.

SILVA, V. M. P. DA et al. Perfil epidemiológico do uso de medicamentos entre estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 10, p. e9030–e9030, 26 out. 2021.

SOUZA, S. N.; LIMA, C. R. DE. Automedicação em acadêmicos de enfermagem de uma instituição de ensino superior de Maceió. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, v. 5, n. 2, p. 61–70, 2019.

ZOLLWEG, S. S. et al. Structural stigma and alcohol use among sexual and gender minority adults: A systematic review. **Drug and Alcohol Dependence Reports**, v. 8, p. 100185–100185, 1 set. 2023.